

# INFLUENCIAS ITALIANAS

en



la

EDUCACIÓN  
ESPAÑOLA  
e IBEROAMERICANA

José María Hernández Díaz  
(coord.)

# Colección Studio, n. 1

---

Serie Educación, n. 1

## Edita

FahrenHouse  
c/ Valle Inclán, 31  
37193. Cabrerizos (Salamanca, España)  
www.fahrenhouse.com

© De la presente edición:  
FahrenHouse  
y los autores

Reservados todos los derechos.  
Ni la totalidad ni parte de este libro puede reproducirse ni transmitirse sin permiso de FahrenHouse

**I.S.B.N. (pdf):** 978-84-942675-2-9

**I.S.B.N. (impreso):** 978-84-942675-1-2

**Depósito legal:** S. 240-2014

## Título de la obra

Influencias italianas en la educación española e iberoamericana

## Coordinador de la obra

José María Hernández Díaz

## Edición al cuidado de

Sara González Gómez, Francisco José Rebordinos Hernando y Alexia Cachazo Vasallo

## Diseño de portada

María del Carmen González Martín

## Cómo referenciar esta obra

Hernández Díaz, J. M. (coord.). (2014). *Influencias italianas en la educación española e iberoamericana*. Salamanca: FahrenHouse.

## Materia IBIC

JN - Educación Pedagogía  
JNB - Historia de la Educación

Fecha de la presente edición: 26-05-2014

## Realiza

Gráficas Lope // c/ Laguna Grande, 2. Pol. Ind. El Montalvo II. Salamanca (España). 37008 //  
Telfs.: 923 19 41 31 - 923 19 39 77 // www.graficaslope.com

# *Representações da educação italiana no ensino normal primário. Os periódicos das escolas do magistério primário (1944-1974)*

**António Gomes Ferreira**

e-mail: antonio@fpce.uc.pt

*Universidade de Coimbra. Portugal*

**Luís Mota**

e-mail: mudamseostempos@gmail.com

*Instituto Politécnico de Coimbra. Portugal*

**Carla Vilhena**

e-mail: cvilhena@ualg.pt

*Universidade do Algarve. Portugal*

– 1 –

A nossa análise situa-se, grosso modo, no terceiro quartel do século XX, coincidente com a vigência do Estado Novo, cujo quadro axiológico, articulado em torno do princípio da autoridade<sup>1</sup>, se encontra resumido no discurso de António de Oliveira Salazar, sobejamente glosado, d'*As grandes certezas da Revolução Nacional*: «Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua História; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever»<sup>2</sup>. O regime patrocinava uma mundivisão e um projeto totalizante de reeducação visando

---

<sup>1</sup> Cf. REIS, A.: «Os valores salazaristas», em REIS, A. (dir.), *Portugal Contemporâneo*, Volume II, Lisboa, Publicações Alfa/Seleções do Reader's Digest, 1996, 717-722.

<sup>2</sup> SALAZAR, A. O.: *Discursos e Notas Políticas*, Volume II 1935-1937, Coimbra, Coimbra Editora, 1945, 130.

a fabricação de um novo tipo de portugueses e de portuguesas, compaginada com a construção de uma visão essencialista da identidade nacional, fundada nas *virtudes da raça*. A ação suportava-se num *sistema de enunciação*, que detinha o poder de condicionar e disciplinar condutas, de ameaçar, punir e censurar assegurado pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) e pela Agência Geral das Colónias, e num *sistema de inculcação* ideológica, a quem competia buscar o consenso e a ordem, com expressão no Ministério da Educação Nacional – secundado pela Mocidade Portuguesa (MP), a Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) e a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF) – e em todo o aparelho corporativo, dos quais se salientam a Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) e a Junta Central das Casas do Povo (JCCP)<sup>3</sup>.

Das *virtudes da raça* detenhamo-nos um pouco mais naqueloutra da religião católica como elemento constitutivo do ser português. Na retórica discursiva de Oliveira Salazar a fé era considerada fonte de vida espiritual e um dom de Deus<sup>4</sup> e, enquanto tal, não deveria ser sujeita à intervenção do Estado, rejeitando, o ditador, simultaneamente a sua imposição, bem como o contrariar da sua prática. Contudo, esta posição aparentemente liberal acabou desmentida pelo sistema de inculcação ideológica que encetou a imposição de uma visão do mundo e da vida, gizando uma fusão do quotidiano com o religioso<sup>5</sup>.

O início de um novo capítulo nas relações entre o Estado e a Igreja, patente na assinatura da Concordata e do Acordo Missionário em Maio de 1940, abriu caminho à inegável influência da Igreja Católica na sociedade portuguesa e ao contributo do catolicismo para o salazarismo. O Estado Novo, no entanto, nunca constituiu um regime confessional, manteve sempre a separação e a autonomia em relação à igreja. Porém a Igreja Católica deu a sua quota-parte no sentido da consolidação do Estado Novo, contribuindo para a valorização do regime e fornecendo-lhe as elites, em comparação, o regime, fruto da função religiosa da Igreja, reconheceu-lhe papel não despiciendo no plano social e educativo<sup>6</sup>.

No plano educativo, as escolas de formação de professores do ensino primário constituíam, provavelmente, um caso exemplar desse papel, desde logo visível na consagração de todos os diplomados ao Sagrado Coração de Maria. No estudo que conduzimos sobre a Escola do Magistério Primário de Coimbra com recurso à imprensa escolar, pudemos sublinhar a presença do catolicismo e

<sup>3</sup> Cf. ROSAS, F.: «O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo», *Análise Social*, 157 (2001), 1037-1042.

<sup>4</sup> SALAZAR, A. O.: *Discursos e Notas Políticas*, Volume II 1935-1937, Coimbra, Coimbra Editora, 1945, 130.

<sup>5</sup> Cf. MEDINA, J.: *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a Ditadura*. Lisboa, Livros Horizonte, 2000.

<sup>6</sup> Cf. FERREIRA, A. M.: «Catolicismo», em BARRETO, A.; MÓNICA, M. F. (org.): *Dicionário de História de Portugal*, volume VII, Suplemento A/E. Lisboa/Porto, Livraria Figueirinhas, 1999, 261.

a influência da Igreja Católica, evidente nos discursos sobre a conceção de pessoa humana, nas normas de conduta e comportamento, naqueles outros que se debruçavam sobre as festas e cerimónias que chegaram a envolver a construção de um altar e a realização de missa nas instalações escolares, na presença de organizações como a Liga Escolar Católica, as Conferências de S. Vicente de Paulo ou a Liga Intensificadora de Ação Missionária, sem esquecer a leitura exibida e justificada de educação integral<sup>7</sup>.

– 2 –

A nossa análise incide sobre o ensino normal primário focalizando não o aparelho de enunciação e as normas emanadas mas antes os atores – objeto e veículo desse mesmo aparelho –, os professores e as professoras mas, muito especialmente, os alunos-mestres e as alunas-mestras e os seus discursos publicados nos periódicos das escolas do magistério primário, desde a sua reformulação e reabertura nos alvares da década de quarenta até ao fim do Estado Novo. Centrámos o nosso estudo em notícias e artigos que identificassem como objeto de análise o sistema educativo ou de ensino italiano, bem como atores sociais, de alguma maneira protagonistas da *coisa* pedagógica, de nacionalidade italiana, – professores, pedagogos, médicos, psicólogos, entre outros –, fruto da hipervalorização da ação individual<sup>8</sup> e que tivessem sido mobilizados pelo seu contributo para a educação e ensino.

Identificámos o espólio de periódicos existentes em Coimbra, na Biblioteca Geral da Universidade, na Biblioteca da Escola Superior de Educação e na Biblioteca Municipal. Tendo como unidade de análise a notícia e os artigos que compõem estes jornais escolares, procedemos a um levantamento exaustivo, num total de dezanove periódicos<sup>9</sup>. Identificámos um corpo documental de vinte e

---

<sup>7</sup> MOTA, L.: *A Escola do Magistério Primário de Coimbra (1942-1989). Entre Ideologia, Memória e História*, Coimbra, Universidade, 2006, dissertação de doutoramento.

<sup>8</sup> MOTA, L.: «Memória(s), imagens do passado e discursos identitários na imprensa escolar», *Estudos do Século XX*, número 8 (2008), 235-246.

<sup>9</sup> A. B. C. *Publicação mensal dos alunos da Escola do Magistério Primário* (Vila Real) (1947-1954); *Ação Educativa* (Viseu) (1953-1965); *Arrebol* (Leiria) (1963-1965); *Aspiração. Propriedade dos alunos da Escola do Magistério Primário de Vila Real* (1954-1969); *Educação. Boletim pedagógico mensal da Escola do Magistério Primário de Lisboa* (1949-1951); *Encontro. Jornal das Escolas do Magistério Primário* (Lisboa) (1973-1974); *Encontro. Jornal dos alunos da Escola do Magistério Primário Cardeal Gouveia* (Lourenço Marques, Moçambique) (1965-1971); *Escola do Magistério Primário da Guarda* (1961-1971); *Escola Nova* (Faro) (1950-1964); *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades* (Braga) (1944-1975; 1977); *Esperança* (Bragança) (1961-1965); *O Leme. Rumo à criança* (Évora) (1952-1958; 1959-1965); *Magistério. Jornal dos alunos da Escola do Magistério Primário* (Lisboa) (1958-1959); *Magistério. Revista de cultura pedagógica* (Lisboa) (1959-1960); *Mais Além!* (Portalegre) (1960-1970); *Mais Além. Jornal dos alunos da Escola do Magistério Primário da Beira* (Beira, Moçambique) (1969-1971); *Rumo. Jornal dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra* (1949-1957; 1959-1969); *Seiva. Revista de Cultura* (Castelo Branco) (1955-1959; 1971); *Sinal. Jornal dos alunos-mestres da Escola do Magistério Primário do Porto* (1960-1961). Sobre a imprensa de educação

sete notícias ou artigos, sendo que 96,2% se centra em personalidades e 3,7% é dedicado a instituições, distribuindo-se por jornais de cinco escolas do magistério primário. A larga maioria das notícias e artigos foi publicada no jornal *Rumo*, catorze no total, correspondendo a 51,9%. A *Escola Remoçada* e *Acção Educativa* publicaram, respetivamente, cinco e quatro artigos. Já a *Educação*, da Escola do Magistério Primário de Lisboa, publicou três e a *Seiva* apenas um.

O jornal *Rumo*, periódico que era da responsabilidade dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra e que, simultaneamente, asseguravam a respetiva direção, redação e administração. A publicação conheceu dois períodos de existência, o primeiro, entre 21 de Janeiro de 1949 e 15 de Julho de 1957 e, um segundo, entre 1 de Dezembro de 1959 e Fevereiro de 1969. O hiato ficou a dever-se às dificuldades criadas pela mudança de instalações da escola. O jornal teve quatro subtítulos – *Rumo*: i) Jornal dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra; ii) Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra; iii) Mensário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra; iv) Órgão dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra. Periodicidade e dimensões variaram ao longo da sua existência, como de resto aconteceu com os restantes periódicos analisados. Nele colaboraram alunos e professores da Escola do Magistério Primário de Coimbra.

A *Escola Remoçada*, publicação da Escola do Magistério Primário de Braga, conheceu dois períodos de publicação, entre 15 de outubro de 1944 e 17 de dezembro de 1975 durante o qual a sua periodicidade foi quinzenal e, posteriormente, entre janeiro e abril de 1977. Foram-lhe atribuídos dois subtítulos, o primeiro que vigorou durante cerca de trinta anos, *Jornal dos «professores novos» de todas as idades* e, a partir de maio de 1974, subtitulava *Ao serviço da educação popular*. A direção era eleita anualmente sendo constituída por alunos-mestres da Escola do Magistério. Inicialmente foi propriedade do Centro de Atividades Circum-Ecolares da Mocidade Portuguesa e, desde outubro de 1973, da Secção Cultural do Núcleo Social Escolar.

Publicação bimensal, mais tarde mensal, desde 1955, a *Acção Educativa* era uma publicação da Associação de Alunos da Escola do Magistério Primário de Viseu que veio à estampa entre 8 de dezembro de 1953 e junho-julho de 1965. As funções de diretor, administrador e corpo redatorial foram asseguradas pelos alunos-mestres, variando a sua composição anualmente.

O mensário *Educação, Boletim pedagógico mensal da Escola do Magistério Primário de Lisboa*, publicou-se entre outubro de 1949 e julho de 1951, tinha como diretor Octávio Dordonnat, professor e diretor da Escola do Magistério

---

e ensino veja-se: NÓVOA, A. (dir.): *A imprensa de educação e ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993.

Primário de Lisboa. Nele colaboravam alunos e alunas-mestras, inspetores e professores das escolas do magistério primário do país.

Finalmente, a revista editada e propriedade da Escola Normal de Amato Lusitano, a partir de novembro de 1955, Escola do Magistério Primário Particular de Castelo Branco, a *Seiva. Revista de Cultura*, em outubro de 1971 sai com o subtítulo de *Cultura e informação*. Publicada entre janeiro de 1955 e o primeiro trimestre de 1959, conheceu ainda uma publicação episódica em outubro de 1971. Era dirigida por João Frade Correia, professor e diretor da referida Escola. A sua periodicidade começou por ser mensal, passando a bimensal no número de outubro-novembro de 1957.

– 3 –

Os textos, na sua larga maioria, 48,1%, foram publicados na década de cinquenta. Nas décadas de quarenta e sessenta a percentagem de artigos publicados fica abaixo de metade, situando-se, respetivamente, nos 22,2% e em 25,9%, restando apenas um texto publicado já na década de setenta. O conjunto mais significativo de artigos divide-se entre João Bosco (1815-1888), 48,1%, e Maria Montessori (1870-1952), num total de onze, correspondendo a 40,7%. Os artigos dedicados a João Bosco distribuem-se pelas três primeiras décadas, quatro, em quarenta e sessenta, e cinco nos anos 50 do século passado, correspondendo a 38,5% dos textos. Os centrados na vida e obra de Maria Montessori dividem-se pelas quatro décadas, num total de quatro (36,4%) nos anos cinquenta e sessenta, dois na primeira década analisada e um na década de setenta. Os restantes dois centrados em personalidades, abordam a vida, pensamento ou ação pedagógica de António Rosmini Serbati (1797-1855) e Raffaele Lambrushini (1788-1873), ambos publicados na década de cinquenta. A notícia que se debruça sobre instituições analisa a problemática das escolas maternais em Itália e o papel das irmãs Rosa e Carolina Agazzi<sup>10</sup>.

Uma primeira conclusão é-nos permitido sublinhar, todos os atores mobilizados, com exceção de Maria Montessori, cuja vida decorreu maioritariamente no século XX, a sua vida decorreu entre os séculos XVIII e XIX ou ocorre somente durante este último. Facto que coloca os textos analisados no âmbito da memória histórica, ainda que no quadro da historiografia da educação.

O único texto dedicado a uma instituição consubstancia, ao longo da sua narrativa, se não a defesa, pelo menos a afirmação da importância e do papel da igreja na educação na Itália contemporânea da redação do artigo. O resumo

---

<sup>10</sup> «As escolas maternais na Itália». Resumo de um artigo de «Didascalía», *Seiva. Revista de Cultura*, n.º 3 (1958), 91-92.

constante da revista começa por salientar que o primeiro asilo para a infância abriu em Itália, por iniciativa de um sacerdote de Cremona, em 1827, posteriormente transformado em escola de paróquia, onde, de acordo com a autoria do texto, «a Igreja exerce, com toda a liberdade, a sua benéfica influência»<sup>11</sup>. Assinala a evolução das escolas, nas principais cidades, no sentido de proporcionar às crianças uma «sólida formação religiosa»<sup>12</sup>, destacando o papel das professoras de Brescia, Carolina e Rosa Agazzi, que, segundo o narrador, criaram *o método italiano*, assim designado por ser habitualmente o utilizado nas escolas maternas italianas. As irmãs Agazzi, de acordo com a narrativa, geraram uma educação religiosa em que se criava «um ambiente de doçura e bem estar no qual a criança respira a fé como o ar da atmosfera»<sup>13</sup>. O programa compreendia, além da religião, a educação moral e a física, jogos, desenhos e trabalhos manuais e canto, com recurso a métodos ativos aproximando-se assim, como pudemos depreender da leitura do resumo, de propostas veiculadas pelo movimento da «Educação Nova». O processo terá sido afetado com a estatização do ensino maternal em Itália que «submeteu as Escolas Maternas, oficiais e particulares à vigilância das autoridades oficiais»<sup>14</sup>.

Com recurso ao advérbio *atualmente* o narrador transporta-nos para o presente e compagina a projeção da importância da igreja com a identificação do adversário do Portugal estado novista. As escolas eram construídas e equipadas didaticamente pela igreja, a sua direção entregue a religiosas e frequentadas por «crianças pobres de famílias de operários e trabalhadores rurais»<sup>15</sup>. Escolas que não dependem do Estado, convivendo por isso com dificuldades materiais e com o isolamento no espaço rural considerando o narrador, no entanto, os seus «frutos espirituais»<sup>16</sup> como cruciais para a Itália. Consideradas como «grande obra da igreja»<sup>17</sup>, o autor do resumo salienta que, apesar de todas as tentativas comunistas, estas não haviam ainda conseguido travar a ação da igreja.

A narrativa encerra com uma referência ao associativismo, dando-nos conta que as congregações femininas dedicadas às escolas maternas formam «uma confederação nacional, com secções regionais e diocesanas, com o fim de proteger os seus direitos educativos e económicos»<sup>18</sup>. Destaca-se, ainda, a existência de uma revista mensal que divulga «iniciativas, ideias e programas»<sup>19</sup> e sublinha-se a participação do corpo docente em «congressos nacionais e internacionais, de

<sup>11</sup> «As escolas maternas na Itália», ob. cit., 91.

<sup>12</sup> Idem, ibidem.

<sup>13</sup> Idem, ibidem.

<sup>14</sup> Idem, ibidem.

<sup>15</sup> Idem, ibidem.

<sup>16</sup> Idem, ibidem.

<sup>17</sup> Idem, ibidem.

<sup>18</sup> «As escolas maternas na Itália», ob. cit., 92.

<sup>19</sup> Idem, ibidem.

caráter formativo e pedagógico»<sup>20</sup>. Dimensões que autorizam a afirmação de que «a grande maioria das crianças italianas recebe, até aos 6 anos, nestas escolas, uma grande formação religiosa, útil para toda a sua vida»<sup>21</sup>.

Os dois textos isolados dedicados a António Rosmini Serbati (1797-1855) e Raffaele Lambrushini (1788-1873) são publicados pelo *Rumo*, na década de cinquenta, o primeiro é retirado de outra publicação, já o segundo é uma tradução de uma aluna-mestra. Em comum a ausência quase completa de referências à trajetória biográfica, académica e profissional, centrando-se desde logo no pensamento pedagógico, a presença do pensamento católico, bem como o cuidado de a explanação de ideias se estruturar referenciando três indicadores, uma conceção de criança, o papel cometido ao educador e, de igual modo, linhas consideradas marcantes do pensamento pedagógico dos autores.

No texto dedicado a Rosmini<sup>22</sup>, assinala-se a importância da sua obra filosófica e teológica que se caracteriza como eminentemente pedagógica. Os três elementos integrantes do ensino são, de acordo com o autor, o educador, o educando e o conteúdo doutrinal. Salienta-se a importância de o educador se conhecer a si e ter consciência do seu papel, devendo possuir conhecimentos de psicologia infantil e juvenil. De acordo com a narrativa, Rosmini concede particular atenção à graduação das ideias a estudar, isto é, considera que as novas ideias se tornam inteligíveis quando assentam noutras já recebidas e incorporadas, afirmando o autor que «Rosmini estuda a fecundidade em todas as fases da educação e tendo muito em conta as idades do aluno»<sup>23</sup>. Para o intelectual italiano em análise, como explicita o narrador, a educação necessita de um princípio unitário e, segundo Rosmini, é a religião que lhe confere essa unidade.

Já o texto traduzido pela aluna-mestra da Escola do Magistério Primário de Coimbra, Lucília Vila, apresenta Rafael Lambruschini como um autor que ensaiou «um desenvolvimento pedagógico das ideias do renascimento espiritual cristão»<sup>24</sup> e adotou uma posição eclética, equidistante do «excessivo autoritarismo e do exagerado naturalismo»<sup>25</sup>. Sem referência ao autoritarismo o texto faz sobressair o afastamento em relação ao naturalismo já que, como sublinha a tradução, a natureza humana encerra instintos e desvios conduzindo a que o natural nem sempre seja o melhor, levando o narrador a destacar que Lambruschini «não

---

<sup>20</sup> Idem, ibidem.

<sup>21</sup> Idem, ibidem.

<sup>22</sup> «Rosmini», retirado de «De «Servicio»», *Rumo. Quinzenário dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 74 (15 de março de 1954), 3.

<sup>23</sup> Idem, ibidem.

<sup>24</sup> «Lambruschini», tradução de M. Lucília Vila, *Rumo. Quinzenário dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 116 (15 de abril de 1956), 1.

<sup>25</sup> Idem, ibidem.

está de acordo com Rousseau»<sup>26</sup>, num ponto considerado fundamental para o pedagogo de Genebra. A mobilização da metáfora da criança como uma planta serviu para ilustrar o entendimento do pensador italiano de que se a criança cresce devido ao seu desenvolvimento interno não deixa contudo de, para isso, carecer de condições externas e de acompanhamento já que também «a planta, por si própria, abandonada a si, desfalece»<sup>27</sup>. Assim, na ótica desta leitura do pensamento de Lambruschini, o clima e o ambiente colocam a criança em condições de aprender e se formar, significando não que o clima educa mas que «nesse clima a educação se consegue e que sem ele não se alcança»<sup>28</sup>. O professor é o «grande cooperador da criança»<sup>29</sup>, não priva a criança da sua originalidade, deve constituir-se em veículo para o seu desenvolvimento. Na verdade, de acordo com a tradução, para Lambruschini, a criança educa-se, o ato educativo deverá centrar-se na promoção de condições para que a sua ação seja fácil e eficaz. Competirá ao professor possuir o tato e a sensibilidade necessárias para que isso se torne realidade. A tradução encerra sublinhando que nas suas obras Lambruschini, por diversas vezes, deixou assinalado que, no âmbito da educação, o amor se revela motivo fundamental e permanente.

De resto o amor, o amor à criança, denunciando, de algum modo, a construção de uma outra conceção de infância e de criança mas, muito especialmente, uma certa releitura católica do amor pelas crianças é atribuída aos atores objeto de análise nos textos que constituem o nosso acervo documental. Para além de indiciar a ligação ou proximidade ao pensamento católico da larga maioria de pedagogos não deixa, numa certa perspetiva, de opacizar as diferenças presentes na leitura do *amor* e na sua operacionalização no pensamento e processo pedagógico de cada um deles. Procurando sublinhar e ilustrar esta nossa asserção atentemos neste excerto do aluno-mestre Cândido Trindade Belo, da Escola do Magistério Primário de Coimbra, quando num texto, do primeiro lustro da década de sessenta do século XX, escrevia sobre João Bosco e a educação:

Em que se baseia o método? A esta pergunta respondeu o próprio Dom Bosco sucintamente – no Amor. Assim falaram sempre os grandes Mestres, desde Aquele que foi o maior de todos e proclamou: É pelo amor que todos conhecerão que sois meus discípulos. Assim falou S. João Bosco, Maria Montessori, o nosso contemporâneo e compatriota Sebastião da Gama que deixou escrito no seu Diário: «Se o amor converte os pecadores, quanto mais o Barradas, que é um rapazinho manso e bom»<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, 2.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>30</sup> BELO, C. T.: «Dom Bosco e a Educação», *Rumo. Órgão dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 197 (1 de maio de 1964), 1.

As referências da religião católica são bem evidentes e neste registo o aluno-mestre Trindade Belo contribui para o esbatimento de assinaláveis diferenças entre os autores mobilizados. Mas recuemos um pouco antes de discutirmos as representações referentes a João Bosco e Maria Montessori.

Assinalemos que o conjunto de artigos e notícias analisadas nos aproximam do processo de personalização da história que não é específico do Estado Novo e para ele terão concorrido vários fatores, da qual resulta a afirmação, no caso vertente de dois pedagogos, de uma certa ideia de herói e do conceito de heroísmo, como elementos essenciais na narrativa histórica<sup>31</sup>. A análise realizada aos artigos dedicados a João Bosco e Maria Montessori permite-nos estabelecer um conjunto de aspetos temáticos que caracterizam os diferentes textos, podendo surgir isolada ou cumulativamente, em cada um deles:

1. Breve identificação do *grande homem* e da *grande mulher*, naturalidade, família, entre outros aspetos<sup>32</sup>;
2. Etapas da sua vida pontuadas pelas trajetórias biográficas, académicas e profissionais e o modo como personalidades e acontecimentos foram decisivos na orientação e no seu percurso. Exemplo, o papel *corajoso* e a influência que sua mãe, Margarida Occhiena, teve em João Bosco.
3. Características pessoais intrínsecas que compõem a sua própria essência. Em João Bosco apontavam-se «qualidades inatas»<sup>33</sup>, a sua «altíssima vocação de educador»<sup>34</sup> ou o poder especial concedido por Deus<sup>35</sup>. Menos evidente nos textos sobre Maria Montessori reconhecendo-se-lhe, no entanto, a coragem, como qualidade intrínseca<sup>36</sup>.

---

<sup>31</sup> Sobre a evolução da ideia de herói e a personalização da História, vejam-se: CATROGA, Fernando: *A militância laica e a des cristianização da morte em Portugal (1865-1911)*, Volume II, Coimbra, 1988, 891-941; MATOS, Sérgio Campos: *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Colibri, 1998, 384-462; JOÃO, Maria Isabel: *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 206 e ss.

<sup>32</sup> Cf. MENDONÇA, A.: «S. João Bosco», *Acção Educativa*, n.º 49 (25 de novembro de 1957), 8; GAMEIRO, A.: «A vida de São João Bosco», *Rumo. Órgão dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 221 (1 de novembro de 1966), 8; REIS, A. M.: «D. Bosco e a sua pedagogia». *Educação. Boletim pedagógico mensal da Escola do Magistério Primário de Lisboa*, n.º 6, (março de 1950), 250-257; «Morte de Maria Montessori», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 41 (15 de maio de 1952), 2; «Montessori», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 134 (15 de março de 1957), 1 e 3.

<sup>33</sup> GAMEIRO, A.: «A vida de São João Bosco», *Rumo. Órgão dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 221 (1 de novembro de 1966), 8.

<sup>34</sup> SOBRAL, A. A.: «Dom Bosco. No cinquentenário da obra salesiana de Portugal», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 9 (15 de fevereiro de 1945), 1.

<sup>35</sup> REIS, A. M.: «D. Bosco e a sua pedagogia». *Educação. Boletim pedagógico mensal da Escola do Magistério Primário de Lisboa*, n.º 6 (março de 1950), 250.

<sup>36</sup> Cf. RAMOS, D. C.: «Lembrando Maria Montessori», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 49 (1 de dezembro de 1952), 4.

4. Comportamento face a contrariedades com que se foi confrontado e aos demais, exibindo tolerância, altruísmo, dimensão presente quase exclusivamente nos textos dedicados a João Bosco e a forma como Maria Montessori conseguiu obter *excepcional* sucesso académico e profissional, exponenciando as suas condições sociais de partida.
5. Especial conhecimento nos domínios da medicina, no caso de Maria Montessori, de psicologia e de pedagogia reconhecidos em ambos os biografados.
6. Capacidade para mobilizar conhecimento para as realidades que enfrentam, nomeadamente, o reconhecimento de um método pedagógico com resultados comprovados.
7. Capacidade para agir ou fazer acontecer comprovada em atos e realizações, sejam as escolas salesianas ou as *Casas dei bambini*, indicadores de fins e objetivos para si ou para as sociedades de pertença.

Detenhamo-nos um pouco mais, ainda que de forma necessariamente sintética e transversal, nas representações construídas sobre o pensamento e ação pedagógica de cada um dos atores nos diferentes artigos e notícias.

– 4 –

O método de João Bosco é identificado como sistema preventivo, «obra do amor»<sup>37</sup>, carecia de uma relação de plena confiança entre educando e mestre para que resultasse num «ambiente de sã familiaridade e de alegria, e uma afectuosa vigilância»<sup>38</sup> que, segundo Artur Sobral, assentaria num equilíbrio entre rigor e liberdade.

Era considerado, por isso, essencial que o educador conhecesse a psicologia das crianças, algo que se manifestava «exuberantemente» em João Bosco<sup>39</sup>, sublinhando que a base do trabalho educativo deveria respeitar a espontaneidade e a personalidade do aluno e aproveitar as suas potencialidades já que educar não era para Bosco, escrevia Artur Sobral, «abafar a originalidade da criança, sufocar as suas energias»<sup>40</sup> mas tratava-se antes, prosseguia o professor de didática do Magistério de Braga, de fazer do educando um colaborador participativo da sua educação.

Considerava por isso, João Bosco, essencial conquistar-se o coração da criança algo que se conseguiria através de um ambiente de sã familiaridade<sup>41</sup>. No

---

<sup>37</sup> SOBRAL, A. A.: «Dom Bosco. No cinquentenário da obra salesiana de Portugal», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 9 (15 de fevereiro de 1945), 1.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>41</sup> Idem, *ibidem*.

*oratório*, segundo Maria Carolina Teixeira<sup>42</sup>, o ambiente era desanuviado, nos recreios havia cantos e gritos, jogava-se, aqui aos polícias e ladrões ali ao eixo, onde João Bosco participava e incentivava jogadores. Esta forma de estar de João Bosco consistia no que se definia por familiaridade, algo simultaneamente trabalhado e inato no pedagogo<sup>43</sup>, traduzia uma estratégia já que era identificada como «uma das maneiras curiosas como ele educava os rapazes»<sup>44</sup>. Simultaneamente D. Bosco testava a criatividade e o espírito de iniciativa nos rapazes, distribuindo-lhes uma variedade de trabalhos, como organizarem passeios ou a ornamentação de uma sala em dia festivo, bem como a responsabilidade, convocando-os para o apoiarem em tarefas administrativas.

Para além das situações de educação não formal, elencadas por Carolina Teixeira, a estagiária descrevia o ambiente de simpatia, alegria e respeito mútuo existente nas aulas, onde mestre e educandos são escutados e o mestre era sempre tratado com «deferência sim, mas sem temor»<sup>45</sup>. A alegria era considerada por João Bosco, segundo Artur Sobral, um meio educativo indispensável e um fator de sucesso em educação pois facilitava o trabalho, favorecia a saúde moral e física e levava à confiança<sup>46</sup>.

Neste ambiente, a disciplina impunha-se pela paciência e pela razão, não era imposta, e todas as ordens e atitudes eram acompanhadas de razões justificativas, acreditando-se que assim se evitavam muitos castigos e a obediência não se tornava pesada, segundo a estagiária da Escola do Magistério Primário de Braga. Os castigos «corporais e ignominiosos»<sup>47</sup>, como os «castigos públicos»<sup>48</sup> foram suprimidos, acreditava-se na influência e no poder dissuasor de «um olhar que se desvia, uma palavra a sós, um passeio em que se não toma parte»<sup>49</sup>. Para além disso, mais do que em discursos moralistas, João Bosco socorria-se de outro elemento tido como fundamental do sistema preventivo, a «vigilância afectuosa»<sup>50</sup>, compatível e respeitadora da liberdade do educando e que consistia em «colocar

---

<sup>42</sup> TEIXEIRA, C. T.: «A lição de S. João Bosco», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 88 (15 de agosto de 1948), 1.

<sup>43</sup> Cf. SOBRAL, A. A.: «Dom Bosco. No cinquentenário da obra salesiana de Portugal», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 9 (15 de fevereiro de 1945), 1.

<sup>44</sup> QUINTAL, M. R. F.: «A familiaridade de D. Bosco», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 49 (2 de janeiro de 1957), 1.

<sup>45</sup> TEIXEIRA, C. T.: «A lição de S. João Bosco», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 88 (15 de agosto de 1948), 2.

<sup>46</sup> Cf. SOBRAL, A. A.: «Dom Bosco. No cinquentenário da obra salesiana de Portugal», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 9 (15 de fevereiro de 1945), 1.

<sup>47</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>48</sup> TEIXEIRA, C. T.: «A lição de S. João Bosco», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 88 (15 de agosto de 1948), 1.

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>50</sup> SOBRAL, A. A.: «Dom Bosco. No cinquentenário da obra salesiana de Portugal», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 9 (15 de fevereiro de 1945), 2.

a criança na impossibilidade material de pecar»<sup>51</sup>. A sua prática torna-se possível pelo conhecimento profundo dos educandos, «dando conta da manifestação das tendências para lhes dar o tratamento apropriado»<sup>52</sup>. Para além disso, João Bosco, para estimular ao bom comportamento, socorria-se pontualmente de recompensas, como convites para a sua mesa ou ter junto a si, ao domingo, os que tinham melhor comportamento<sup>53</sup>.

Para contribuir para a alegria e satisfação e assegurar a manutenção da disciplina, João Bosco, como expressa Maria Carolina, empregava variados métodos que colocavam «à prova o espírito inventivo do mestre e a actividade do aluno»<sup>54</sup>, mobilizando técnicas como o teatro e a música e fazendo apelo a métodos ativos<sup>55</sup>.

– 5 –

Chamando à coação a obra de Maria Montessori, *A criança*<sup>56</sup>, identificavam-se três princípios ou bases no seu pensamento: o ambiente adequado, o mestre humilde e o material científico<sup>57</sup>.

A perceção e a postura adotadas por Maria Montessori assentavam assim num conjunto de princípios básicos. A médica e pedagoga italiana constatou que a «criança era vítima de um ambiente que tolhia o [seu] desenvolvimento harmonioso»<sup>58</sup> considerando que o adulto reprimia e deformava a criança sendo, por isso, imperioso modificar o adulto. Significava isto que o adulto deveria conhecer a criança, «auscultar a vibração das suas tendências, impulsos e interesses» e facultar um ambiente onde estes pudessem desabrochar. Deveria analisar os problemas da criança na ótica desta e não segundo a sua própria maneira de equacionar as questões, enfim, para Montessori, «o adulto [deveria] adaptar-se à criança»<sup>59</sup> e dispor todos os meios para «facilitar e aperfeiçoar a evolução da sua personalidade»<sup>60</sup>.

Neste sentido, a fundadora da *Casa dei bambini*, decidiu «ambientar» a escola, procurando que tudo nela tivesse um qualquer interesse para a criança, onde tudo estivesse pedagogicamente disposto, permitindo que a criança vivesse num

<sup>51</sup> Idem, ibidem.

<sup>52</sup> Idem, ibidem.

<sup>53</sup> Cf. QUINTAL, M. R. F.: «A familiaridade de D. Bosco», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 49 (2 de janeiro de 1957), 1.

<sup>54</sup> TEIXEIRA, C. T.: «A lição de S. João Bosco», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 88 (15 de agosto de 1948), 2.

<sup>55</sup> Cf. BELO, C. T.: «D. Bosco e a educação», *Rumo. Órgão dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 221 (1 de maio de 1964), 1.

<sup>56</sup> MONTESSORI, M.: *A criança*, Lisboa, Portugália Editora, 1966.

<sup>57</sup> Cf. VIEIRA, S.: «Maria Montessori», *Acção Educativa*, n.º 69 (25 de janeiro de 1959), 5.

<sup>58</sup> BARREIROS, J.: «Maria Montessori», *Acção Educativa*, n.º 5 (25 de fevereiro de 1954), 1.

<sup>59</sup> Idem, ibidem.

<sup>60</sup> Idem, ibidem.

ambiente de autoeducação. Nesta perspetiva, de acordo com o pensamento da médica italiana, «quando tudo está disposto com esta função educadora, cabe respeitar sem temor algum, a liberdade da criança»<sup>61</sup>. Era, afinal, a proposta de um sistema de liberdade mas, segundo o texto que vimos seguindo, vigiada e dirigida, como o comprova o «ambiente e todas as circunstâncias em que a criança se encontra»<sup>62</sup>. Neste ambiente natural – artificial, tudo o que está ao alcance dos sentidos da criança é naturalmente pedagógico, em última análise trata-se, em sentido lato, de material educativo. Compreende-se agora a importância atribuída a um efetivo conhecimento da criança<sup>63</sup>.

Do ponto de vista *instrutivo*, na perspetiva da receção realizada entre nós, do método montessoriano vai no sentido de considerar que a criança adquire conhecimentos por via dos sentidos, particularmente das sensações táteis. Compaginando a aprendizagem da criança «apenas por interesse e por sua vontade»<sup>64</sup> e em face da tendência infantil para a atividade lúdica, o investimento incidiu em jogos com a preocupação de promoverem a exercitação da sensibilidade geral e a tátil, em particular. Na sequência do seu raciocínio, Salomão Vieira, reflete depois sobre os métodos do ensino da leitura e da escrita, no âmbito do que considera ser o método de Maria Montessori. No caso do ensino da leitura focaliza-se em duas características, primeira, a formação da imagem da letra através dos sentidos, primeiro o tato e depois a visão e a audição, seguida de uma consolidação através dos jogos, isto é, «por um método sintético e por um processo lúdico»<sup>65</sup>. Na aprendizagem da escrita, principiava-se por partes das letras, começando por se desenhar «primeiros riscos, arcos, ganchos, etc.»<sup>66</sup> para, atingida a perfeição, se iniciar o desenho das letras. Não deixava de concluir com a sua apreciação explicando que «hoje já não se faz assim: o aluno escreve logo de princípio letras e começa a escrever palavras e frases o mais cedo possível»<sup>67</sup>.

– 6 –

Destaquemos em primeiro lugar, o facto de os artigos e notícias serem essencialmente focados em autores e em questões do sistema educativo relativas ao século XIX o que as colocam no domínio da memória histórica e denunciam preocupações hipervalorização da ação individual e os inserem na problemática do herói e da personalização em história.

---

<sup>61</sup> «Montessori». *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 49 (15 de março de 1957), 1.

<sup>62</sup> Idem, *ibidem*, 3

<sup>63</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>64</sup> VIEIRA, S.: «Maria Montessori», *Ação Educativa*, n.º 69 (25 de janeiro de 1959), 5.

<sup>65</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>66</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*.

Os textos, globalmente, traduzem o pensamento de um conjunto de autores envolvidos, pelos seus trabalhos, estudos e ação, na produção de conhecimento científico-pedagógico que, enquanto instância do saber, contribuiu para a produção de uma racionalidade sobre o cuidar e o educar da criança. Constituem por isso, de algum modo, etapas ou páginas na construção da modernidade. Na lógica desta asserção é possível detetar, transversalmente, princípios, conceitos e ideias que se podem inserir no que âmbito do movimento autodenominado de Educação Nova, a mero título de exemplo, o apelo a métodos ativos, o recurso a jogos ou a defesa da autoeducação.

De referir a marca do catolicismo que atravessa, senão todos os autores, a larga maioria insere-se no pensamento pedagógico católico. Mesmo que assim não fosse, seguramente que a receção do seu pensamento não deixaria de realizar essa aproximação e de sublinhar a importância da religião e da igreja católica no plano pedagógico, bem como no educar e cuidar da criança. Facto que não pode deixar de relacionar com o momento da sua produção. A título de exemplo, o último texto dedicado a Maria Montessori, datado de 1972, encerra sublinhando, precisamente, a conversão da médica italiana ao catolicismo e ao seu reconhecimento da importância educativa da religião.

Finalmente, para encerrar esta breve reflexão conclusiva, assinalemos o facto de, pontualmente, alguns autores dos artigos, a propósito da problemática central das suas narrativas, saírem do tema e da época para se focalizarem nas questões do presente, dirimindo ideias suas contemporâneas e chegando mesmo a verberar o adversário do regime. Impõe-se que salientemos que o período que foi objeto de estudo, conforme sublinhámos na abertura, conviveu com a ausência de liberdade de expressão, facto que tem sempre de ser ponderado quando mobilizamos periódicos para desenvolver os nossos estudos, dado que os jornais escolares, embora não sujeitos a censura prévia eram objeto de apertada vigilância.

### Referencias bibliográficas

- «As escolas maternas na Itália». Resumo de um artigo de «Didascalía», *Seiva. Revista de Cultura*, n.º 3 (1958), 91-92.
- «Lambruschini», tradução de M. Lucília Vida, *Rumo. Quinzenário dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 116 (15 de abril de 1956).
- «Montessori», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 134 (15 de março de 1957).
- «Montessori». *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 49 (15 de março de 1957).

- «Morte de Maria Montessori», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 41 (15 de maio de 1952).
- «Rosmini», retirado de «De «Servicio»», *Rumo. Quinzenário dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 74 (15 de março de 1954).
- BARREIROS, J.: «Maria Montessori», *Acção Educativa*, n.º 5 (25 de fevereiro de 1954).
- BELO, C. T.: «D. Bosco e a educação», *Rumo. Órgão dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 221 (1 de maio de 1964).
- BELO, C. T.: «Dom Bosco e a Educação», *Rumo. Órgão dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 197 (1 de maio de 1964).
- CATROGA, Fernando: *A militância laica e a descristianização da morte em Portugal (1865-1911)*, Volume II, Coimbra, 1988, 891-941.
- FERREIRA, A. M.: «Catolicismo», BARRETO, A.; MÓNICA, M. F. org.: *Dicionário de História de Portugal*, volume VII, Suplemento A/E. Lisboa/Porto, Livraria Figueirinhas, 1999.
- GAMEIRO, A.: «A vida de São João Bosco», *Rumo. Órgão dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 221 (1 de novembro de 1966).
- JOÃO, Maria Isabel: *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 206 e ss.
- MATOS, Sérgio Campos: *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Colibri, 1998, 384-462.
- MEDINA, J.: *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000.
- MENDONÇA, A.: «S. João Bosco», *Acção Educativa*, n.º 49 (25 de novembro de 1957).
- MONTESSORI, M.: *A criança*, Lisboa, Portugália Editora, 1966.
- MOTA, L.: «Memória(s), imagens do passado e discursos identitários na imprensa escolar», *Estudos do Século XX*, número 8 (2008), 235-246.
- MOTA, L.: *A Escola do Magistério Primário de Coimbra (1942-1989). Entre Ideologia, Memória e História*, Coimbra, Universidade, 2006.
- NÓVOA, A. (dir.): *A imprensa de educação e ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993.
- QUINTAL, M. R. F.: «A familiaridade de D. Bosco», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 49 (2 de janeiro de 1957).
- RAMOS, D. C.: «Lembrando Maria Montessori», *Rumo. Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*, n.º 49 (1 de dezembro de 1952).

- REIS, A. M.: «D. Bosco e a sua pedagogia», *Educação. Boletim pedagógico mensal da Escola do Magistério Primário de Lisboa*, n.º 6 (março de 1950).
- REIS, A.: «Os valores salazaristas», en REIS, A. (dir.): *Portugal Contemporâneo*, Volume II, Lisboa, Publicações Alfa/Seleccções do Reader's Digest, 1996, 717-722.
- ROSAS, F.: «O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo», *Análise Social*, 157 (2001), 1037-1042.
- SALAZAR, A. O.: *Discursos e Notas Políticas*, Volume II 1935-1937, Coimbra, Coimbra Editora, 1945.
- SOBRAL, A. A.: «Dom Bosco. No cinquentenário da obra salesiana de Portugal», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 9 (15 de fevereiro de 1945).
- TEIXEIRA, C. T.: «A lição de S. João Bosco», *Escola Remoçada. Jornal dos «professores novos» de todas as idades*, n.º 88 (15 de agosto de 1948).
- VIEIRA, S.: «Maria Montessori», *Ação Educativa*, n.º 69 (25 de janeiro de 1959).